

(Des)arquivando as experiências da exterioridade: quando escrever significa confrontar as feridas coloniais

(Des) archivar las vivencias de la exterioridad: cuando escribir es afrontar las heridas coloniales

Francine Carla de Salles Cunha Rojas¹

Edgar César Nolasco²

Resumo

O presente trabalho versa sobre o ensaio biográfico fronteiro como arquivo conceitual latino que emerge *dos* e responde *aos* legados coloniais (Mignolo, 2003). Nesse sentido, a proposta conceitual engendrada pelo ensaio fronteiro visa não somente desatar os nós histórico-estruturais que embasam a retórica da modernidade / colonialidade, em especial os nós que concernem às hierarquias de sexo / gênero global e epistêmica, como também entende ser a teorização através da escrita um confronto com as feridas coloniais. Dessa forma, pretende-se construir possibilidades *outras* no horizonte crítico-cultural-político da crítica brasileira. Para tanto, serão necessários os apontamentos de Josefina Ludmer (2010), Walter Mignolo (2003, 2009, 2014, 2017) e Zulma Palermo (2008, 2010, 2015).

Palavras-Chave: feridas coloniais; arquivo conceitual; ensaio biográfico; modernidade / colonialidade.

Resumen

El presente trabajo aborda el ensayo biográfico de frontera como un archivo conceptual latino que surge y responde a los legados coloniales (Mignolo, 2003). En este sentido, la propuesta conceptual engendrada por el ensayo de frontera apunta no solo a desatar los nodos histórico-estructurales que subyacen a la retórica de la modernidad / colonialidad, especialmente los nodos que conciernen a las jerarquías globales y epistémicas de sexo / género, sino que también se entiende como la teorización a través de la escritura un enfrentamiento con las heridas coloniales. Así, se pretende construir otras posibilidades dentro del horizonte crítico-cultural-político de la crítica brasileña. Para eso serán necesarias las notas de Josefina Ludmer (2010), Walter Mignolo (2003, 2009, 2014, 2017) y Zulma Palermo (2008, 2010, 2015).

Palabras claves: heridas coloniales; archivo conceptual; ensayo biográfico; modernidad / colonialidad.

1. Introdução

No arquivo conceitual latino, o ensaio biográfico fronteiro é a resposta que dou aos legados coloniais (Mignolo, 2003), em especial, aqueles que se referem à hierarquia epistêmica e hierarquia de gênero / sexo global (Mignolo, 2017). Nesse sentido, como um pensamento descolonial, minha proposta prima por desatar os nós histórico-estruturais mencionados (Mignolo, 2017) e construir possibilidades *outras* no horizonte crítico-cultural-histórico-político a partir das minhas sensibilidades e a partir de um determinado espaço acadêmico. No horizonte crítico do arquivo conceitual latino tais propostas estão assentadas no princípio de que

¹ Mestre e, atualmente; desenvolve tese no NECC - PPGEL / UFMS, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; lucia_jbc@hotmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada, NECC - PPGEL / UFMS, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

[...] é necessário deixar de operar a partir de uma história do pensamento Ocidental, de uma historiografia ou de uma concepção de literatura que responda ao legado do Ocidente, mas da afirmação de que todo conhecimento encontra legitimidade nas condições adequadas de produção e, a partir daí, interage dialogicamente com outras formas de conhecer. (PALERMO, 2008, p. 241, tradução nossa).

O ensaio biográfico fronteiro como parte do arquivo conceitual latino (Palermo, 2008) nasce da ideia de um projeto (ético, epistêmico e político) descolonial e dialoga com quatro propostas caras à opção descolonial: a questão biográfica (Nolasco, 2018; Mignolo, 2014, 2017; Said, 2005; Palermo e Siñasis, 2015), as epistemologias fronteiriças (Ludmer, 2010; Mignolo, 2009), *paradigma outro* (Mignolo, 2003) e o arquivo conceitual latino (Palermo, 2008, 2010, Santiago, 2019). Tais questões são atravessadas pela consciência de que falar sobre a América Latina, em especial sobre o Brasil, se torna possível dentro do que me proponho uma vez que penso a partir desse lócus e com isso assinalo a consciência fronteira de escrever e pensar na exterioridade e, portanto, fora dos centros acadêmicos / teóricos. Em *Aqui América latina: uma especulação* (2010), Josefina Ludmer endossa a diferença que faz pensar a partir daqui, América latina, quando se objetiva buscar “[...] palavras e formas para ver e ouvir alguma coisa do mundo novo” (Ludmer, 2010, p. 07). Saber (de) onde se pensa, um espaço denominado América Latina atravessado pelo projeto da modernidade / colonialidade, é saber que somos onde pensamos, um lócus de enunciação cuja ferida da colonialidade é sentida e pensada através das teorizações. Em “Descolonizando a pesquisa acadêmica”, Nolasco me recorda que o compromisso de pesquisar e pensar “[...] a partir de onde se pensa faz toda a diferença para aquele pesquisador que sabe, sente e pensa que a inserção de seu *bios* na origem de sua reflexão crítica faz toda a diferença” (Nolasco, 2018, p. 13).

Escrever sobre o ensaio biográfico fronteiro nasce também de um giro epistêmico-crítico da minha trajetória intelectual como pesquisadora, dado que até então concentrava meus interesses nos papéis pessoais de escritores brasileiros, correspondências publicadas, escritas de si / do outro e a questão do público / privado que indubitavelmente advém quando cartas são levadas ao público, todas essas considerações foram sustentadas em grande parte pela desconstrução Derridiana e por teóricos, em sua maioria, de academias centrais, ainda que, nessa época, já tenha iniciado minhas leituras sob a égide da pós-colonialidade e do pós-ocidentalismo. Por entender que até então, minha trajetória havia sido majoritariamente traçada segundo a academia francesa (na filosofia) e considerando meu fortuito encontro com o contexto histórico-político-cultural brasileiro desde 2018 é que encontrei na teorização descolonial a tradução da minha revolta e um caminho possível que escolhi para construir um horizonte crítico outro, no qual a experiência de ser, sentir, pensar e viver em português, no Brasil, como mulher e latina, é o fundamento e o guia para pensar o ensaio biográfico como arquivo conceitual latino.

Os apontamentos feitos por Zulma Palermo, em “Revisando fragmentos del <archivo> conceptual latino-americano a fines del siglo XX”, oferecem uma terceira e última justificativa que embasa a minha escolha, pois de acordo com o texto a autora constata que um dos temas de maior destaque na academia latina é o questionamento da “validade” de teorias itinerantes (europeias e norte-americanas) advindas de centros acadêmicos e que objetivam se debruçar e explicar o funcionamento das culturas sul-americanas (Palermo, 2008), de acordo com a autora:

Em efeito, uma das questões que produz maiores debates nos últimos anos é a dúvida, por parte de muitos estudiosos latino-americanos radicados em seus lugares

de origem, acerca da legitimidade das teorias que se propõem desde as academias centrais – e muito particular nos discursos da pós-modernidade em suas amplas constelações – sobre o funcionamento das culturas na América do Sul. (PALERMO, 2008, p. 219, tradução nossa).

O compromisso teórico-crítico-cultural-político que assumi quando da mudança de um projeto moderno para um projeto descolonial, o ensaio biográfico fronteiro, nasce, em parte, da necessidade de pensar as políticas de hospedagem e recepção das teorias itinerantes (eurocêntricas e norte-americanas) e, por outro lado, a urgência de desatar os nós histórico-estruturais que possibilitam a vigência da modernidade / colonialidade. Dessa forma, responder aos legados coloniais exige a consciência de que “A modernidade produz feridas coloniais, patriarcais (normas e hierarquias que regulam o gênero e a sexualidade) e racistas (normas e hierarquias que regulam a etnicidade), promove o entretenimento (banal) e narcotiza o pensamento”. (MIGNOLO, 2014, p. 07, tradução nossa).

As feridas coloniais mencionadas por Walter Mignolo embasam o discurso da modernidade / colonialidade e provêm do que o autor chama de nós histórico-estruturais. Em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), o crítico argentino explica que tais nós são constantemente articulados pela matriz colonial e “sentidos” por aqueles(as) cujas vidas foram declaradas dispensáveis (Mignolo, 2008). São a partir dessas vidas que o arquivo da exterioridade é (des)arquivado e são através das experiências que atravessam e animam o corpo que a retórica da moderna / colonial é desordenada. Por meio da inclusão do corpo, a objetividade e a seriedade com a qual os saberes modernos / coloniais se articulam e justificam o silenciamento de outras práticas epistêmicas são descolonizadas e as vidas e experiências consideradas dispensáveis não são mais lidas como notas de rodapé da história Ocidental. Nesse sentido, os apontamentos de Zulma Palermo e Cristina Siñasis auxiliam ao constatar que: “Tal vazio não pode ser preenchido enquanto o investigador e o ‘objeto’ investigado habitam ‘solos’ diferentes e distantes [...]” (Palermo; Siñasis, 2010, p. 110, tradução nossa).

Desatar esses nós é o que compõem meu projeto crítico-teórico-descolonial, para tanto o ensaio biográfico fronteiro como arquivo conceitual latino (des)arquiva as experiências que derivam desses nós. Apesar de enumerar um total de 12 nós histórico-estruturais, escolhi me deter especialmente em dois, visto que minha vida é essencialmente atravessada por eles: “6. Uma hierarquia de gênero / sexo global que privilegia homens em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu em detrimento de outras formas de configuração de gênero e de relações sexuais [...]”. (MIGNOLO, 2017, p. 11) e “10. Uma hierarquia epistêmica que privilegia o conhecimento e a cosmologia ocidentais em detrimento dos conhecimentos e das cosmologias não ocidentais foi institucionalizada no sistema universitário global [...]” (MIGNOLO, 2017, p. 11).

No contexto a partir do qual falo, penso, escrevo e vivo desatar os nós e descolonizar essas duas hierarquias é essencial para a construção de horizontes críticos *outros* e está arraigado ao projeto descolonial que concebo como resposta aos legados coloniais, os quais imperam com maior vitalidade no Brasil de 2020. Tanto a hierarquia de gênero quanto a hierarquia epistêmica estão entrelaçadas, co-existem enquanto reflexos da modernidade / colonialidade e mostram que uma resposta comprometida com a ética e devidamente assentada na teorização descolonial não endossará os legados coloniais eurocêntricos e muito menos as perspectivas modernas visto que não se origina “[...] nos centros geopolíticos de produção do conhecimento acadêmico, é dizer, do norte global” (PALERMO, 2008, p. 229, tradução nossa).

O ensaio biográfico, nesse contexto, ao emergir da exterioridade das minhas experiências com a hierarquia epistêmica e do gênero, e por emergir da fronteira é um paradigma outro em face de matriz moderna / colonial. No prefácio da edição em castelhano de *Histórias locais / projetos globais* (2003), “Um paradigma outro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”, Walter Mignolo ajuda-me a entender o conceito ao comentar que

Este prefácio se ocupa em buscar << um paradigma outro >> de pensamento crítico, analítico e utopístico que contribua para construir espaços de esperanças em um mundo que prima pela perda do sentido comum, o egoísmo cego, os fundamentalismos religiosos e seculares, o pensamento crítico que pensa os conceitos que pensam os conceitos e esquece a razão pela qual os conceitos foram inventados [...]. (MIGNOLO, 2003, p. 19, tradução nossa).

Na esteira de Mignolo, o ensaio biográfico como arquivo conceitual latino é um projeto teórico-crítico-cultural-histórico-político descolonial que constrói espaços de esperança nos quais sensibilidades biográficas (mulher, latina) convergem com práticas teóricas diversas que ajudam a narrar e teorizar as experiências da exterioridade, nesse processo as práticas teóricas modernas / coloniais são “esquecidas”, isto é, desaprendidas visto que é necessário “[...] aprender a desaprender-se das amarras das opções teóricas, estéticas, políticas, conceituais, culturais, filosóficas impostas enquanto ‘outro’ da exterioridade” (Nolasco, 2018, p. 17).

O arquivo conceitual latino (des)arquivado a partir das minhas sensibilidades e experiências constrói uma possibilidade outra no horizonte crítico brasileiro / latino. Se, como aponta Nolasco, o “[...] bios é histórico, assim, ou por isso mesmo, como toda e qualquer teoria não passa de um “sintoma” daquele que a pensa” (Nolasco, 2018, p. 13), então o ensaio biográfico fronteiriço, como teorização que engendro, é um sintoma do meu corpo-vivência que compõe uma possibilidade outra de pensar legados coloniais e escutar as vozes que gritam através do sujeito os seus sofrimentos (Mignolo, 2003). Walter Mignolo endossa minha perspectiva ao comentar que o paradigma outro abrange formas críticas e projetos que se localizam dentro das histórias e experiências marcadas pela colonialidade, para o crítico:

Chamo <<paradigma outro >> a diversidade (e diversalidade) de formas críticas de pensamento analítico e de projetos futuros assentados sobre as histórias e experiências marcadas pela colonialidade mais que por aquelas, dominantes até agora, assentadas sobre as histórias e experiências da modernidade. (MIGNOLO, 2003, p. 20, tradução nossa).

Zulma Palermo, ao discorrer sobre o papel da ética no trabalho do intelectual latino-americano, ecoa o que venho tentando dizer acerca do ensaio biográfico fronteiriço como arquivo conceitual outro e uma experiência da exterioridade epistêmica: “[...] o trabalho do intelectual latino-americano – se quer ser ético – se vê impelido a se concentrar na reconstrução da história esquecida ou censurada que se perpetua nas formas de pensamento a-históricas” (PALERMO, 2008, p. 220, tradução nossa).

Um arquivo conceitual latino é aquele que (des)arquiva as experiências das “[...] vidas que gritam através do sujeito, as misérias a que foram levadas por anos de colonialismo e, ultimamente, de civilização neoliberal” (Mignolo, 2009, p. 19 – 20, tradução nossa). O arquivo latino por falar sobre e a partir das experiências das vidas da exterioridade escapa do arquivo Derridiano, visto que esse se encontra em um lócus epistêmico hegemônico por excelência, a academia francesa e, portanto, não contempla os nós histórico-estruturais que formam e estruturam a lógica da matriz colonial / moderna. O meu papel crítico-teórico-

histórico-político-cultural ao (des)arquivar apontamentos conceituais acerca desse arquivo da exterioridade é essencialmente político uma vez que escuta minhas vivências e experiências de teorizar, pensar, escrever e falar a partir de um lugar cujo passado colonial é presente, América Latina, Brasil, e cujo projeto é, essencialmente, moderno / colonial. Nesses termos, nenhuma resposta ou pesquisa sem a companhia da teorização descolonial é, essencialmente, uma resposta cujo compromisso seja com os legados coloniais e com possibilidades *outras* de existir e ser, pelo contrário, de acordo com Edgar Nolasco “As pesquisas que não são articuladas a partir da perspectiva da exterioridade, mesmo quando são pensadas de dentro, estão cada vez mais propensas a repetir uma falácia conceitual que apenas reforça a exclusão preconceituosa que move o mundo” (Nolasco, 2018, p. 13). Em face aos inúmeros acontecimentos ocorridos no Brasil a partir de 2018, digo também que as revoltas sem a sustentação de um compromisso teórico-crítico calcado no respeito à diferença e na defesa da pluri-versalidade são, em essência, projetos frágeis que endossam a modernidade / colonialidade.

Referências

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Prefacio a la edición castellana <<Un paradigma otro>>: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. Disponível em:< <http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/11-mignolo-un%20paradigma%20otro.pdf>>. Acesso 01 jul. 2020.

_____. Prefacio. In: *Arte y estética en la encrucijada descolonial II*. GÓMEZ, Pedro P. (Org). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

_____. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso 01 jul. 2020.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera /teorizar en el cuerpo de esa experiencia. Disponível em:< https://www.redkatatay.org/sitio/talleres/mignolo_frontera.pdf >. Acesso 07 jul. 2020.

NOLASCO, Edgar. Descolonizando a pesquisa acadêmica. Disponível em:< <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>>. Acesso 01 jul. 2020.

PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del <archivo> conceptual latino-americano a fines del siglo XX. Disponível em:< <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a12.pdf> >. Acesso 01 jul. 2020.

_____. Una violencia visible: la colonialidad del saber. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/185/18516804005.pdf> >. Acesso 01 jul. 2020.

PALERMO, Zulma; SIÑANIS, Cristina. Heterogeneidad estructural y re-existencia en la escucha. Disponível em:< <http://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/millca-digital/article/view/525/323> >. Acesso em 01 jul. 2020.